

Maílson se irrita e desmente novo choque

CORREIO BRAZILIENSE

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, desmentiu ontem, através de seus assessores, as notícias que dão como certo um novo choque econômico para conter a escalada inflacionária e facilitar a assinatura de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Irritado com as notícias veiculadas pela imprensa brasileira, Maílson — que se encontra em Washington participando da reunião anual conjunta do FMI e Banco Mundial — mandou o seguinte recado:

— “Até onde sei, são o Ministério da Fazenda e a Seplan que estão assessorando o Presidente da República em matéria econômica, o resto é especulação. As pessoas que estão espalhando este tipo de informação, ou têm objetivos eleitorais ou financeiros, ou o fazem por pura irresponsabilidade. Esta é apenas uma amostra das tremendas dificuldades que a área econômica está tendo neste período final de administração. Algumas

pessoas não estão entendendo o grave e delicado momento por que passa o País. É duro, mas vamos continuar lutando para manter a economia sob controle”.

Maílson mantém-se convicto de que a inflação brasileira é reflexo e parte de um processo psicológico de expectativas e que falta à área econômica o principal instrumento de combate, que é justamente uma política fiscal. Ele reconhece publicamente, como fez na última sexta-feira no **Council on Foreign Relations**, em Nova Iorque, que o Governo “não foi capaz de manter a política fiscal, que é o coração da política de estabilização”.

O ministro reitera que a política fiscal do Governo foi destruída pelas medidas contidas na nova Constituição, responsáveis por um agravamento da ordem de 3,5 por cento no déficit da União. Ele também nega que o Governo tenha entregado os pontos, mas reconhece que a equipe econômica vem

trabalhando sobre o fio da navalha e com os poucos instrumentos que lhe restam — política monetária, controle do endividamento público, preservação das reservas internacionais e, de certa forma, o controle de preços nos chamados monopólios, oligopólios e empresas estatais.

Maílson sabe que o controle destes instrumentos é insuficiente para vencer a inflação, mas aposta nos aspectos positivos do complexo sistema de indexação que a economia brasileira desenvolveu ao longo das últimas décadas. Como exemplo, ele tem dito a seus interlocutores que o Governo vinha sinalizando, com base nas informações preliminares do INPC, uma inflação de 32 por cento para o mês de setembro e que mesmo assim os agentes privados continuaram fazendo negócios, produzindo, consumindo, exportando. “Estou confiante que estamos no caminho certo”, afirma o ministro.